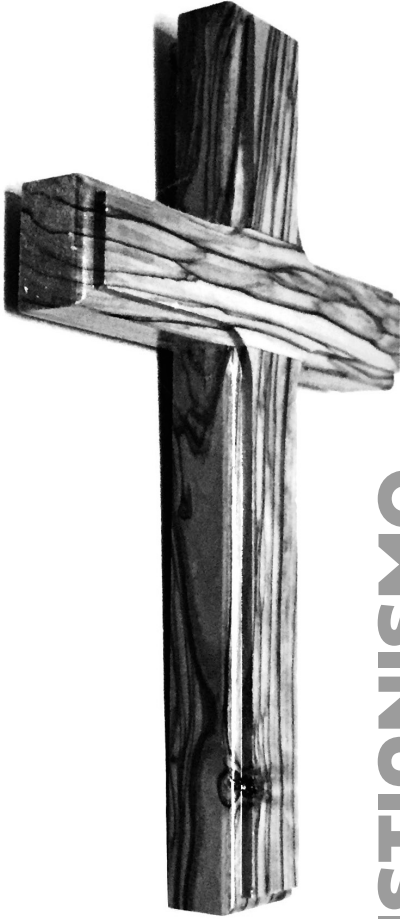




**cada leitura,
uma experiência**

MÁRIO AMARAL



CRISTIANISMO DE CRUZ

Aprendendo com John Stott

*Dedico este livro a Deus, que me
vocacionou, à minha esposa e
eterna paixão, Ana Rita, e aos
meus filhos, presentes de Deus,
Mário Neto e Marcus Vinícius,
que com amor, paciência e carinho
tanto contribuíram para que esse
sonho fosse alcançado.*

SUMÁRIO

- 9 Prefácio
13 Introdução

CAPÍTULO 1.

O CORAÇÃO DA CRUZ

- 33 1. O pecado
39 2. Santidade e ira de Deus
42 3. O conceito teológico de satisfação
47 4. O conceito teológico de substituição
53 Conclusão

CAPÍTULO 2.

A REALIZAÇÃO DA CRUZ

- 55 1. A salvação da humanidade
63 2. Deus que se revela ao ser humano
67 3. A conquista do mal
70 4. Conclusão

CAPÍTULO 3.

CONTEXTUALIZAÇÃO PARA UMA PASTORAL EVANGÉLICA LATINO- AMERICANA

- 71 1. Fundamentos teológicos para uma
pastoral evangelical
76 2. A Cruz como resgate da
auto-compreensão e auto-doação

85	3. A Cruz como resgate do significado de sofrimento e glória
92	4. O Cristianismo equilibrado centrado na Cruz
97	Conclusão
101	Referências
105	Anexo A. O Pacto de Lausanne

PREFÁCIO

Poderia apontar a intenção de Mário como a utopia teológica de todo teólogo e toda teóloga neste Brasil de hoje: “apontar o significado de viver sob a cruz no contexto latino-americano a partir de uma teologia da cruz contextualizada, bíblica e socialmente responsável”.

Para isso, aponto alguns caminhos seguidos por ele e que são importantes para não cair em respostas fáceis e falaciosas.

Primeiro, o Mário foi buscar conhecimento na teologia evangélica da melhor qualidade, a obra *A Cruz de Cristo*, cujo autor, John Stott, foi um teólogo que deixou sua marca por ser um homem de estudo, de piedade e de presença no mundo em que viveu. Essa obra pode ser considerada a exposição mais sólida e a mais acessível da morte de Jesus na cruz e seu significado para quem pergunta por ele em nossos dias.

Segundo, o Mário se cercou de bons teólogos modernos e contemporâneos, especialmente os evangélicos latino-americanos, que o ajudaram a contextualizar a mensagem da cruz para a realidade concreta de nosso povo. Isso exigiu leitura e discernimento, mas ele foi um bom aluno em seu curso de Teologia, na Faculdade de Teologia Evangélica de Belo Horizonte, onde o tive como aluno, assimilando bem a pegada da teologia evangélica de missão integral ensinada ali.

Terceiro, o Mário tem uma posição teológica muito importante para o nosso tempo, quando diz que buscar:

o significado da cruz de Cristo na América Latina na atualidade é buscar o equilíbrio, não radicalizar, aceitar discutir alternativas paralelas, aprender com as posições contrárias, pensar, amar ao próximo, mesmo que seja de uma outra corrente teológica, denominação religiosa cristã, ou até mesmo de outra religião.

Ouvir, primeiro; responder, depois, é a chave da sabedoria, já diz o texto bíblico. E, hoje, mais do que nunca, precisamos dizer que a morte de Jesus foi um sacrifício ofertado a Deus como um dom aos seres humanos esmagados sob o peso da morte.

A morte é um poder sobre a vida humana, do qual não se tem controle. Seu domínio está nas mãos do diabo que o usa para amedrontar e escravizar as pessoas (Hb 2.14,15). Aprendiz do

diabo, o ser humano manipula esse poder diabólico quando decide se impor sobre outra pessoa, usando de ameaça, amedrontando-a e escravizando-a, agindo, assim, como verdadeiro diabo. Romper essa manipulação humana somente é possível acabando com o poder da morte e, portanto, do diabo que estimula, motiva e dá condições para que ela continue na experiência humana.

Vencer o poder da morte é derrotar os que a manipulam para satisfazer a si mesmos. Foi isso que Jesus Cristo fez ao se entregar à morte: ele derrotou o diabo que retinha consigo o poder de manipular a morte, mostrando que não precisamos ter medo dela. Ele colocou as pessoas em liberdade, para que não tenham mais medo de morrer e, então, retirando-as da escravidão na qual viviam por medo da morte.

Doravante, os manipuladores da morte ficaram sem seu instrumento de manipulação, perderam sua força, já não tem mais domínio, seu diabo foi esvaziado de poder. Ao demonstrar não ter medo de sofrer e de morrer, Jesus Cristo deu seu exemplo que deve animar a todos os que, de alguma maneira e sob alguma circunstância estavam, estariam e estão sob as mesmas condições humanas.

Assim, o livro do Mário é um exame da morte de Jesus, tanto naquilo que ela significa para a fé evangélica, quanto o que ela deve significar para a

fé evangélica que quer ser relevante no mundo que se vive. Com certeza, seus leitores ficarão muito animados e se mobilizarão para o serviço perante a cruz junto a tantos que estão condenados à morte, em nosso Brasil de agora.

Sidney de Moraes Sanches

INTRODUÇÃO

A escolha da obra de John Stott, *A Cruz de Cristo*, se deu por sua influência no meio evangélico latino-americano, e por sua posição evangelical e progressista ao denunciar o esvaziamento e a consequente descontextualização do significado da cruz de Jesus Cristo. A obra de Stott leva o leitor à reflexão sobre uma vida de santidade, mostra a condição pecadora do ser humano e o plano salvífico de Deus. Além disso, ela destaca o fato da cruz, remetendo o cristão ao entendimento da propiciação, redenção, justificação e reconciliação. Stott, finaliza com a proposta de uma vida sob a cruz Cristo, um símbolo cristão gerador de várias teologias.

O ser humano contemporâneo espera respostas que façam diferença em sua vida e não apenas afirmações teológicas descontextualizadas de sua realidade cotidiana. A opressão, a fome, a pobreza, a violência, a desigualdade social, o desemprego e

outros males sociais exigem repensarmos o significado da cruz de Cristo para nossos dias, afinal, o pecado do qual devemos ser salvos apresenta novas configurações e expressões a cada novo tempo. Resolvemos, então, assumir esse questionamento, e buscar em Stott possíveis caminhos de respostas para entender como anunciar o significado da Cruz de Cristo no contexto evangélico atual, principalmente da América Latina. Trata-se de um anúncio que deve levar à transformação do ser humano integral e, conseqüentemente, da sociedade da qual ele faz parte.

Neste esforço, compreendemos como necessário buscar uma proposta que ofereça significação própria para a igreja, enfatize sua missão e seu papel como sal, luz e agente do Reino de Deus. O caminho para isso é da visão cristocêntrica, orientada pela esperança do Reino de Deus que já está implantado, mas ainda não foi consumado. É na busca dessa pastoral contextualizada, a partir do significado da cruz, que se acredita encontrar fonte de uma inspiração para uma ação transformadora e renovadora na igreja e, conseqüentemente, na sociedade.

Na obra de John Stott queremos compreender um pouco mais o significado bíblico-teológico da cruz, para fundamentar e subsidiar uma pastoral evangelical, libertadora, missionária e escatológica. Abordaremos a simbologia da cruz para o cristão,

o percurso para a formação desse símbolo e as perspectivas sobre o seu significado. Também veremos a noção teológica de substituição e satisfação, passando pela compreensão de pecado e as suas consequências. Seguiremos, então, com a apresentação de três realizações da cruz: a salvação dos pecados; a revelação de Deus e a vitória sobre o mal. Concluiremos com a apresentação da relevância do pensamento de Stott e de autores latino-americanos influenciados por ele e pelo Pacto de Lausanne.

Nossa intenção é apontar o significado de viver sob a cruz no contexto latino-americano a partir de uma teologia da cruz contextualizada, bíblica e socialmente responsável.

1. A centralidade da cruz de Cristo

Para nós cristãos, o cristianismo é a religião do Cristo Jesus crucificado e ressurreto, que se prende no símbolo da cruz para identificá-la. Este símbolo marca a identidade do cristão, é visível a importância que ele assume nos hinos, nos cânticos, nas decorações, nas obras de arte, no culto etc. A vida cristã é permeada desse simbolismo ligado à ideia teológica de que a cruz está no centro do evangelho de Jesus Cristo, e, portanto, da auto-compreensão do cristão.

Sabemos que os símbolos carregam significados e valores da realidade necessários para a própria compreensão da vida das pessoas. Alves afirma

que “a religião se nos apresenta como uma rede de símbolos [...] e algumas coisas passam a ser sinais visíveis desta teia invisível de significado.”¹. Podemos caracterizar o símbolo religioso, segundo Haight, em seis qualidades ou atributos: primeira, demanda participação ativa das pessoas; segundo necessita de esforço da mente; terceira, participa da transcendência e para ela aponta; quarto, revela a essência da existência humana; quinto, é polivalente em sua estrutura, e, sexto, possui caráter dialético. Ele finaliza, afirmando que “os seis atributos ora elencados ajudam a definir melhor o caráter do símbolo religioso e, especialmente, sua relevância para cristologia”².

Conforme Stott, todas as religiões têm símbolos que as caracterizam e levam seus seguidores a construir identidades. Por exemplo: no budismo, a representação da flor de lótus, por sua forma circular, simboliza o ininterrupto momento entre a vida e morte. No judaísmo, foi adotada a representação da estrela ou escudo de Davi, que agrega dois triângulos equiláteros simbolizando a aliança com Deus. No islamismo, a representação se dá pelo crescente ou meia-lua que era o símbolo de Bizâncio antes da conquista mulçumana. Pode-se

1 ALVES, Rubem. O que é religião? São Paulo: Loyola, 1999. P. 21.

2 HAIGHT, Roger. Jesus símbolo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 237-239.

ver esta influência de simbologias também nas ideologias seculares³,

*[...] tais como, a foice e o martelo no comunismo, representando a união entre os camponeses e operários e a suástica nazista como simbologia da raça ariana.*⁴

O cristianismo não ficou sem sua simbologia, a cruz assumiu esse lugar. Ela não foi o primeiro símbolo representado a partir do século I. Antes vieram, o pavão⁵, a pomba⁶, a âncora⁷, o alfa e o ômega⁸, a videira, o louro dos atletas e o peixe⁹. No segundo século, os temas bíblicos são encontra-

3 Por ideologia secular, Stott entende que são as ideologias não ligadas à religião cristã (Cf. STOTT, 1991, p.13).

4 STOTT, John. A Cruz de Cristo. 9. ed. São Paulo: Vida, 1991. p. 13-14.

5 Pavão que simbolizava a imortalidade (Cf. STOTT, 1991, p.14).

6 Aludia a salvação da alma que descansava na paz divina. (Cf. EUSÉBIO, 2005, p.15).

7 Significava a "Esperança na salvação, a segurança no meio da agitação do mundo e foi usada nos primeiros tempos do cristianismo para representar a cruz" (VIANA *apud* EUSÉBIO, 2005, p. 14).

8 Era usual a utilização da primeira e últimas letras do alfabeto grego - Alfa e Ômega - para associar à monograma de Cristo, dando a entender a absoluta grandeza de Deus que é o princípio e fim de todas as coisas (Cf. EUSÉBIO, 2005, p.14).

9 O acróstico da palavra grega *ichthys* [*Iesus Christos Theou Huios Soter*] (Jesus Cristo Filho de Deus Salvador) (STOTT, 1991, p.14). Para Eusébio na sua simbologia material correspondia á representação do próprio Cristo; devido a sua vivência em ambiente aquático, era também relacionado com o sacramento do batismo e quando associado aos pães, aludia ao milagre da multiplicação dos pães e a pesca milagrosa com Pedro e André (Cf. EUSÉBIO, 2005, p.14).

dos nas pinturas, juntamente com o criptograma XP¹⁰. Muitos símbolos poderiam ter sido escolhidos, porém foi à cruz, nos primeiros séculos, que identificou o cristão que passava por situações de tribulação e sofrimento. Pelo símbolo da cruz podemos entender:

A palavra que agora se traduz "cruz" representa em grego um instrumento de tortura e execução. Obteve significância especial para a sua conexão com a morte de Jesus. Duas palavras se empregam para o instrumento de execução no qual Jesus morreu: xylon ("madeira", "árvore") e stauros ("Estaca", "cruz") xylon significa, originalmente, Madeira, e frequentemente se emprega no Novo Testamento para madeira como matéria. Através da sua conexão com Dt 21:23 (citado em Gl 3:13, "maldito todo aquele que for pendurado em madeiro"), xylon poderia virtualmente ser tratado como sinônimo de stauros. Nos evangelhos, stauros se emprega nas narrativas da execução de Jesus, e, nas reflexões teológicas da literatura paulina, simbolizando os sofrimentos e a morte de Cristo.¹¹

Eusébio destacou a influência pagã na iconografia cristã:

Os primitivos cristãos inspiraram-se em formas e imagens pagãs, integrando-as num contexto e simbologia cristãos. Assim, não tiveram relutância em usar os recursos pré-cristãos, incluindo as fábulas antigas, o mito pagão de Eros e Psi-

10 As duas primeiras letras da palavra grega **Christos** (Cf. STOTT, 1991, p.14).

11 BROWN, C.; COENEN, L (Org.). Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. P. 475.

que converteu-se no símbolo das provações da alma humana antes de entrar no Paraíso eterno, da mitologia pagã, mas com significação cristã. Trata-se de imagens neutras, que podiam passar despercebidas, mas que eram facilmente inteligíveis à generalidade dos fiéis. Entre as tipologias utilizadas há um predomínio das que ilustram as ideias de oração e de salvação. Simbolicamente explana-se a importância de Jesus Cristo e da sua missão salvadora. Uma linguagem simples, mas de rápida interpretação e compreensão. Esta iconografia do cristianismo primitivo foi amplamente divulgada através de objetos móveis, de fácil circulação, como medalhas.¹²

A morte por crucificação era de origem bárbara, mas adotada pelos gregos e romanos. Ela era sinal de tortura, humilhação e condenação. Surpreende a sua adoção como símbolo pelos cristãos. Em vista da crueldade desse tipo de morte para o cidadão romano, somente em casos extremos de traição poderia ser aplicada a ele. Já, os judeus, não distinguiam entre o crucificado e o enforcado, pois todas eram cruéis, conforme Dt 21:23 “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”, resultando que, para eles, o Messias não poderia morrer desta forma.¹³

O significado da cruz agregou o sentido de encorajamento ao martírio e ao sofrimento, dos cristãos na metade do terceiro século. Constata-se o fato

12 EUSÉBIO, Maria de Fátima. A apropriação cristã da iconografia greco-latina: o tema do Bom Pastor, Revista Mathesis, Porto, Faculdade de Letras da Universidade de Porto, n.14, p. 13, 2005. P. 14

13 STOTT, 1991, p.18